



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega da Ordem Nacional do Mérito Científico**

**Palácio do Planalto, 26 de abril de 2005**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e  
Tecnologia,

Minha querida companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu querido companheiro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,

Minha cara senadora Serys,

Meu caro deputado Paes Landim,

Deputado Paulo Albuquerque,

Meu querido professor Eduardo Krieger, presidente da Academia  
Brasileira de Ciências,

Meus amigos e minhas amigas,

Minhas senhoras e meus senhores agraciados com a Ordem Nacional  
do Mérito Científico,

Meus amigos, minhas amigas,

O conhecimento e a inovação técnico-científica são essenciais na busca  
constante de melhores condições de vida, geração de trabalho e renda e  
justiça social.

É com essa convicção que participo desta cerimônia, em que tantos  
cientistas ilustres, do Brasil e do exterior, recebem o reconhecimento da Ordem  
Nacional do Mérito Científico por suas contribuições ao desenvolvimento da  
ciência e da tecnologia.



Hoje também entregamos a Medalha Nacional do Mérito Científico à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, por tudo de bom que ela tem feito para melhorar a nossa agricultura.

Não tem sido, como todos nós sabemos, uma tarefa fácil. Os desafios nesse setor são enormes, tanto os voltados para a garantia da segurança alimentar e do combate à fome, como para a promoção do desenvolvimento regional e a geração cada vez maior de excedentes exportáveis.

A Embrapa tem hoje mais uma razão para ser homenageada, porque está comemorando 32 anos de sua fundação. Portanto, eu queria dar parabéns, não apenas ao Presidente da Embrapa, mas a todos os funcionários da Embrapa, aos cientistas da Embrapa, pelo tanto que têm feito pelo nosso país e pelo tanto que têm feito de ajuda a outros países mais necessitados e, eu diria, países que, muitas vezes, precisam mais do que o próprio Brasil.

Nenhum país que queira dirigir os rumos do próprio desenvolvimento pode abrir mão de planejar a sua política industrial, tecnológica e científica. Ciência e tecnologia são fundamentais para que um país se insira soberanamente no cenário internacional, mais ainda, no mundo globalizado dos nossos dias. O investimento no setor é, portanto, decisivo para o desenvolvimento social e econômico de uma nação. As inovações advindas da pesquisa, como os senhores e as senhoras sabem melhor do que ninguém, possibilitam ganhos significativos para o nosso país.

Vou citar alguns: a ampliação da produção agrícola e industrial, a diversificação da pauta de exportações, o desenvolvimento de produtos de ponta, com muito maior valor agregado, aumentando a eficiência produtiva e reduzindo os custos de fabricação. Desse modo, contribuem para que nossos produtos e serviços sejam mais competitivos, conquistando e ampliando mercados mundo afora.

É por isso que o governo está empenhado em avançar na meta de elevar os investimentos totais em ciência e tecnologia a um patamar de 2% do



PIB, num esforço conjunto com a iniciativa privada.

Para mim, esse objetivo é um compromisso de honra, que reiterarei nos quatro encontros da SBPC aos quais compareci como candidato a presidente da República.

Outro passo importante foi a Lei de Incentivo à Inovação e à Pesquisa Tecnológica, sancionada em dezembro passado, que estabelece, entre outras inovações, a possibilidade de parcerias entre as instituições públicas e os inventores independentes. Essa Lei prevê também incentivos fiscais para as empresas que investem em pesquisa.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossa produção científica, em alguns setores, tem sido reconhecida com destaque em todo o mundo. Podemos falar da Petrobrás e de nossa tecnologia de extração de petróleo em águas profundas. Ou citar nossos avanços na pesquisa espacial, na biotecnologia, na pesquisa médica e genética, no desenvolvimento de softwares.

Temos também um imenso potencial de produção de conhecimento a partir do nosso patrimônio natural e cultural e da própria criatividade humana.

Eu queria dizer, neste momento, que por motivo de força maior, por cansaço, o nosso querido Oscar Niemeyer, que era um dos premiados, não está presente. Mas todos nós aqui sabemos que é feliz um país que pode ter um arquiteto como Oscar Niemeyer, que foi agraciado hoje e não pôde estar aqui, e deveria estar muito mais feliz, certamente estaria com muita razão, porque, afinal de contas, a nossa Brasília, que é a Brasília de Oscar Niemeyer, completou 45 anos esta semana e, portanto, ele estaria muito mais feliz. Todos vocês sabem que ele não anda de avião, ele só anda de carro. E vir do Rio de Janeiro até aqui, de carro, para uma pessoa que está beirando os “50” anos de idade, não é uma tarefa fácil.

Mas, meus amigos e minhas amigas,

É bom para o país que ciência, cultura e educação caminhem sempre



juntas. Nesse caminhar, como se sabe, o papel das universidades é e tem sido fundamental.

Estamos, por isso mesmo, empenhados em reverter a carência histórica de investimentos para a formação de mestres e doutores no Brasil. Em 2004, por exemplo, os valores das bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, que não eram aumentados desde 1994, receberam um reajuste de 18%.

Os números absolutos de mestres e doutores que formamos a cada ano também vêm aumentando, e todos vocês sabem que estamos trabalhando para atingir a meta de 10 mil doutores por ano no Brasil.

Estamos também criando mecanismos para que essa mão-de-obra extremamente qualificada, e que custa tanto ao país para formar, encontre oportunidades de trabalho aqui no nosso mercado e não necessite procurar emprego em outros países.

Outra iniciativa que gostaria de lembrar é a Secretaria Nacional de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, já citada pelo nosso ministro Eduardo Campos, criada em 2003. Essa Secretaria tem desempenhado funções primordiais, entre as quais gostaria de destacar as seguintes: na difusão e popularização de conhecimentos; no apoio às unidades de ensino de Ciências em escolas públicas; na pesquisa e desenvolvimento aplicados à segurança alimentar e nutricional; no equilíbrio regional em relação ao acesso à ciência e tecnologia, entre outras atividades.

Um momento como o de hoje nos faz recordar a importância que a educação, a pesquisa e a ciência têm para a vida das pessoas e da nação. Por isso, quero agradecer e dar meus parabéns a cada um dos agraciados hoje pela Ordem Nacional do Mérito Científico.

Os senhores e as senhoras representam aqui os profissionais da comunidade científica que, na sua dedicação ao árduo e paciente trabalho de pesquisa, incorporam os frutos do seu trabalho ao cotidiano de todos os brasileiros e brasileiras.



Muitas vezes não somos capazes de reconhecer o extraordinário mérito desses homens e mulheres que, a partir dos laboratórios, bibliotecas e salas de aula, se esforçam tanto para melhorar a vida de todos nós.

O governo, tenham certeza, continuará empenhado em criar as melhores condições possíveis para o maior estreitamento dos laços entre pesquisadores, universidades e empresas. Para isso, é necessário também continuar aprimorando e ampliando os espaços políticos voltados à participação da comunidade científica nas decisões do governo.

Eu quero que vocês recebam os parabéns e quero que redobrem os esforços, com o talento e a criatividade reconhecidos e homenageados com muita justiça aqui nesta cerimônia. Certamente vocês farão avançar, cada vez mais o conhecimento científico no nosso país.

Meus amigos e minhas amigas, eu não poderia deixar passar essa oportunidade sem ter uma conversa, fora da homenagem merecida que vocês receberam, sobre um pouco do nosso país. Vocês estão acompanhando um grande debate que estamos realizando sobre a necessidade da reforma universitária no Brasil.

Este ano completou 30 anos que tomei posse, pela primeira vez, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, no dia 19 de abril de 1975. E desde aquela época, em toda minha militância política, eu tenho andado pelo Brasil e tenho ouvido estudantes, professores, funcionários, os mais diferentes tipos de intelectuais brasileiros reivindicando a necessidade de uma reforma universitária, sobretudo para que a gente possa cuidar de fazer com que a universidade brasileira não só melhore a sua qualidade, mas para que ela tenha autonomia.

Nós estamos fazendo uma discussão, e eu acho que isto aqui é um fórum especial para dizer o seguinte: nós não queremos uma reforma universitária do governo; nós não queremos uma proposta de reforma universitária que seja feita no Gabinete do Presidente da República, do Ministro



da Educação ou do Ministro da Ciência e Tecnologia. Nós queremos uma reforma universitária que seja um retrato fiel daquilo que é o pensamento da sociedade brasileira sobre a expectativa e as necessidades que ela tem para que a universidade brasileira possa ser, no século XXI, ainda muito mais avançada, prestar muito mais serviços e de mais qualidade do que o que foi prestado no século XX.

Todos nós sabemos que, por coisas que independeram da nossa vontade, o Brasil foi neste Continente um dos últimos países a receber uma faculdade, a ter uma universidade. Nós, agora, temos que tirar o tempo perdido de não termos sido o primeiro país a ter universidade, para tentar fazer com que as universidades que nós temos hoje sejam melhores. Desde o ano passado, nós nos dispusemos a criar mais quatro universidades federais, nós nos propusemos a fazer 13 extensões em vários lugares pobres do Brasil: fazer uma extensão da Universidade Federal de Belo Horizonte para o Vale do Jequitinhonha; fazer uma extensão da Universidade Rural de Pernambuco para Garanhuns e a região; a Universidade Federal para Caruaru; criamos a Universidade do Vale do São Francisco; criamos a Universidade da Praia, lá no estado do Paraná, na orla, e estamos levando uma extensão das universidades federais, foi aprovada, agora, na Câmara, a Universidade Federal para o ABC. Estamos criando as condições para que o conjunto do nosso território seja dotado das faculdades ou das universidades necessárias para que a gente possa fazer com que o nosso adolescente, ao terminar o 2º grau, tenha a perspectiva de entrar para a universidade.

Mas o fato mais importante que aconteceu neste período – e é uma pena que o ministro Tarso Genro não esteja aqui, possivelmente não tenha sido convidado porque como o Eduardo Campo ia colocar a faixa do Náutico, ele não quis convidar um gaúcho – mas a coisa mais extraordinária que aconteceu este ano, e aí é um agradecimento à Câmara dos Deputados e ao Senado, foi a aprovação do ProUni. O ProUni, certamente alguns discordam,



mas a verdade é que nós conseguimos colocar, em apenas um ano, 112 mil jovens – na sua grande maioria da periferia das grandes regiões metropolitanas, uma boa parcela da população negra, e uma boa quantidade das nações indígenas – para fazer uma faculdade que, sem o ProUni, jamais teriam possibilidade de fazer essa universidade.

O nosso empenho, agora, é fazer com que aproveamos o Fundeb para que possamos garantir, sobretudo na parte mais pobre do Brasil – possivelmente não seja a necessidade do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo ou do Paraná mas, certamente, é a necessidade de uma parte da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí, do Amazonas, do Acre, de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, de Roraima, do Amapá. Certamente, essa parte do Brasil está precisando que nós criemos um instrumento capaz de garantir que o nosso adolescente tenha possibilidade de fazer o 2º grau.

Quando se estimulou a universalização, o que foi uma coisa muito boa, não se pensou que depois do ensino fundamental o jovem teria que fazer, no mínimo, o 2º grau. Grande parte desses estados que eu citei está passando deveras dificuldades e cabe ao governo federal, em uma proposta do ministro Tarso Genro, criar as condições de, nos próximos quatro anos, encontrar um jeito de colocarmos dinheiro para ter quatro bilhões a mais em quatro anos, para que possamos garantir que, também no ensino médio, tenhamos a universalização do ensino no país, para que possamos fazer com que essa parte mais pobre do Brasil tenha a possibilidade de, daqui a uma década ou, quem sabe, uma década e meia, competir em igualdade de condições com os centros mais desenvolvidos do nosso país.

Se não fizermos isso, certamente passaremos mais um século fazendo com que essa parte pobre do Brasil continue a ser pobre, e a parte que é menos pobre vai continuar sendo menos pobre.

Da mesma forma que o nosso país é homogêneo na língua, da mesma



forma que essa imensidão de oito milhões e meio de quilômetros quadrados tem a unidade muito forte, nós precisamos agora criar essa unidade, criando a igualdade de oportunidades para os brasileiros, independentemente do estado, da cidade ou da vila em que ele nasceu.

Eu penso que quem conhece essas regiões mais pobres do país sabe perfeitamente bem do que eu estou falando, e sabe perfeitamente bem que o Brasil, para dar o salto de qualidade que precisa dar, precisa investir de forma prioritária nas regiões mais empobrecidas do nosso país.

E essas coisas não são difíceis de acontecer. Está aqui o nosso querido Presidente da Embrapa, que conhece bem e sabe que, antes do nosso governo, o Pronaf era um privilégio para os produtores da agricultura familiar do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de uma parte do Paraná e muito pouco de São Paulo. Hoje, quem pegar o mapa dos sete bilhões que nós colocamos no Pronaf, vai perceber que, pela primeira vez desde que foi criado, ele está distribuído de forma homogênea em todo o território nacional, e estados que nunca tinham recebido sequer um único crédito, um único empréstimo, hoje estão recebendo milhares de créditos. Por quê? Porque primeiro, precisou preparar o Banco do Brasil para que pudesse atender essa demanda; segundo, precisamos preparar os gerentes para que aprendessem, outra vez, a atender as pessoas mais empobrecidas e o mais carente; e depois, tivemos que tomar a decisão política de que uma parte desse dinheiro teria que ir, prioritariamente, para as regiões mais pobres do país.

Quando estamos entregando uma condecoração de mérito científico, nós temos que lembrar que durante muitos e muitos anos, no Brasil, prevaleceu uma certa teoria de que o investimento que se faz em pesquisa é muito caro e que nem sempre a idéia de um retorno é provável, porque as pessoas querem que os cientistas e os pesquisadores, ao terem verbas para um determinado projeto, tenham a obrigação de que esse projeto já seja rentável antes de começar a ser pesquisado. E não existe na história do mundo



científico nenhuma pesquisa que não tenha levado anos, que não tenha levado décadas e, às vezes, de décadas em décadas, o resultado foi negativo. Mas, para um país que quer ser soberano, que quer ter uma inclusão e igualdade de condições neste mundo globalizado, não apenas no campo econômico, mas no campo científico e tecnológico, ou se investe em pesquisas ou, daqui a 30 anos, nós seremos mais frágeis do que somos hoje no que diz respeito a investimento e na disputa com outros mercados mais desenvolvidos que o nosso.

Eu digo sempre, e vou terminar, porque vocês vieram aqui para receber uma condecoração e não ouvir discurso, eu vou terminar dizendo o seguinte: normalmente, vocês com muito mais estudo do que eu, com muito mais conhecimento, sabem que essas coisas não acontecem do dia para a noite. Da mesma forma que uma pesquisa às vezes leva décadas para produzir um resultado e, depois que produz esse resultado, leva outra década para que tenha retorno econômico dos investimentos, assim são as mudanças que temos que fazer no nosso país; assim são as mudanças que temos que fazer para permitir que o Brasil tenha uma oportunidade única, primeiro, de ter um crescimento sustentável e, segundo, de que esse crescimento sustentável possa possibilitar que haja uma melhor distribuição da riqueza produzida neste país.

Eu discutia, ontem, com o Ministro do Trabalho – e se a gente pegar o período que a gente quiser, nos últimos 15 anos, nós vamos perceber que, nos últimos dez anos, a média de empregos gerados no Brasil era de nove mil empregos por mês. Nos nossos dois anos de governo, meu caro Eunício, são 90 mil empregos, a média criada por mês neste país. Portanto, dez vezes mais do que foi criado nos últimos oito anos.

Muito mais importante do que isso é que, possivelmente – eu tenho chamado a atenção dos meus amigos economistas, eu tenho chamado a atenção dos meus amigos que, muitas vezes, querem a coisa com uma rapidez



maior do que a gente pode fazer; as pessoas não estão percebendo – no Brasil, nós nunca tivemos tanto crédito disponível para o consumo como nós temos hoje. Durante 20 anos, eu debati economia e nunca tinha ouvido a sugestão de que nós poderíamos criar o crédito consignado. O crédito consignado existia numa área pública do Brasil em que, muitas vezes, o funcionário de uma instituição pública comprometia 100% do seu pagamento para pagar a mensalidade. Nós, numa sugestão da Central Única dos Trabalhadores, adotamos o crédito consignado, o próprio Movimento Sindical fez acordo com o Sistema Financeiro e, hoje, nós temos, só no consumo deste país, praticamente 13 bilhões e meio de reais de trabalhadores que, até então, tinham dificuldade de chegar ao banco para pegar o empréstimo ou que, muitas vezes, caíam na mão de agiota e nunca mais conseguiam sair. E, agora, esse crédito consignado foi estendido a 20 milhões de aposentados neste país.

Ontem, nós fizemos uma coisa aqui, que um cientista como vocês, o professor Paul Singer, disse que estava emocionado, porque durante dez anos o crédito do BNDES para o microcrédito não ultrapassou a média dos 30 milhões de reais/ano. E, somente ontem, nós destinamos 600 milhões de reais para financiar o microcrédito brasileiro daquelas pessoas que às vezes precisam comprar um carrinho para vender cachorro-quente, e que não tinham sequer condições de adentrar um banco para falar com o gerente. Hoje, eles podem entrar, contrair um empréstimo para pagar no máximo 2% de juros e vão poder concretizar o seu grande sonho.

Eu estou dizendo isso para vocês porque o Brasil se constrói de muitos jeitos, o Brasil é um país muito corporativo e eu sou oriundo de uma corporação, eu sou oriundo de uma corporação chamada “metalúrgico”, em que briguei muito para que a minha corporação tivesse o que melhor ela pudesse conquistar. Eu sei que o Brasil tem a corporação daqueles que podem; e aqueles que não podem nem têm corporação porque não têm como



se organizar. Lamentavelmente é isso, a parte mais empobrecida da população muitas vezes não participa de sindicato, de partido político, não tem como se organizar. Mas tem uma parte que tem poder de fogo.

O que eu tenho tentado fazer, nesses dois anos, é estimular essa parte que tem poder de fogo. Ao invés de brigar apenas em função dos seus interesses, que essa parte dedique um pouco da sua força para que possamos construir a conquista desse setor inorganizado, que são as pessoas que, se nós não estendermos a mão, certamente nunca terão a chance de um dia estarem aqui neste Palácio recebendo uma condecoração tão merecida como esta que vocês estão recebendo hoje.

Este Brasil que está na cabeça de todos vocês, ou este Brasil que estará na cabeça dos filhos e dos netos de vocês, está sendo construído. E posso dizer a vocês que não é uma tarefa fácil concretizar esse sonho, mas muito mais difícil seria se nós não tivéssemos coragem de estar sonhando, hoje, colocando a massa no alicerce sólido de uma estrutura de país que possa garantir que daqui a dez anos todos nós tenhamos a certeza de que estamos recebendo dos nossos pais, ou que os nossos filhos ou os nossos netos nos digam que estarão recebendo de nós um mundo muito melhor do que aquele que recebemos dos nossos pais e que eles receberam de nós.

E para que esse país seja construído, podem ficar certos, ele precisa de vocês. Precisa não apenas do conhecimento de vocês, precisa da disposição política de vocês, da vontade. Mais do que pesquisar, é preciso da vontade de gritar em alto e bom som, todo santo dia, que o nosso país será o país da qualidade de vida e do tamanho que queremos que ele seja.

E essa experiência eu vivi nesses dois anos e estou convencido de que quando terminar o nosso mandato, possivelmente vocês irão receber outras medalhas e poderemos discutir o que aconteceu no Brasil antes e depois da nossa passagem pelo governo, sobretudo na questão do investimento em ciência e tecnologia. Eu acho que durante muito tempo aqueles que já tinham



passado pela universidade não se lembravam que outros tinham que ter o direito de passar. Aqueles que já tinham conquistado o seu nicho profissional não se lembravam que outros ainda teriam que conquistar.

Mudar o Brasil significa mudar a cabeça, mudar a cultura, mudar o comportamento, mudar os procedimentos. E eu acho que todos nós temos a obrigação de dar ao nosso país e àqueles que virão depois de nós esta oportunidade.

Por isso, meus parabéns e que Deus permita que vocês sejam condecorados outras vezes pelo mérito que vocês conquistaram neste país. Obrigado.